

A LAGRIMA

PUBLICAÇÃO QUINZENAL ILUSTRADA

PEQUENA CHRONICA

UM HEROE LENDARIO

Mais uma vez fugiu o Relho ás garras da policia.

Mas, quem é o Relho?

E' um typo baixo, barbiuha passa-piolho, olhos sempre em movimento, n'un movimento vario, desconfiado, passo miudo e apressado, chapéu molle, de abas largas... Isto, ás vezes. Porque eu já o encontrei uma noite, noite luarenta, noite estrellada, na estrada de ferro, na ferro-via,— de carroça de pulha, lodo nas unhas elanterna de furta-fogo á cinta.

E que tem feito o Relho?

Pouco mais de nada. Elle é um santo homem. Se rouba, rouba com astucia, com arte. Ora, já o Padre Antonio Vieira tinha dito que o roubo era uma arte, e o Relho, n'este ponto de vista esthetico, é um artista sem rival. Deus o ajude, que a policia tem hydropezia nas pernas inchadas e grossas, d'un grosso paparronto e molle, assim como o summo d'un melão doentio e chéico.

Mas, o que é certo, indubitavel, palpavel e indiscutivel, é que o Relho tem alguma cousa de divino, alguma cousa de sobre-humano!

A policia de Barcellos, a policia de com olhos d'esta villa morigerada e pacata, sensaborona e batotona, batoteira e zarapilheira, quer deitar-lhe a luva, a luva sebacea, a luva de dedos rotos da sua vigilancia.

E assaltou-lhe a casa differentes vezes, e disfarçou-se, e enascarou-se, e pôz barbas postizas, e fez a figura dos janizaros da meia noite dos romances de cavallaria da Edade-Media.

E o Relho sorria, n'um sorriso sarcastico e felino.

—Porque, quando a policia chegava a assaltar-lhe a casa de S. João, já S. Relho o tinha suggestionado a preever-se contra os perigos e trabalhos d'esta vida...

Não ha santo mais milagroso do que este, diga lá o que disser a *Flo Santorum* e o *Apanagio da Virgem das Dores*.

Houve, porém, um dia em que S. Relho não pôde suggestional-o, e veio a policia da cidade não fazer-lhe o cerco. Cerco de S. Sebastião, que circunda os campos e os logares, a poyoação e os seus prados de herva verdejante. Mas, nem assim o Relho cahiu na rede...

S. Relho correu ao seu lado, dizendo-lhe mo-

nosylabos aos ouvidos, assoprando-lhe sugestões mirabolantes ao espirito.

E a policia de Braga ficou a ver navios, quando esperava ver o Relho na sua rede estranguladora...

Para descarga de consciencia, a policia de Braga atravessou-lhe uma balla buldogg no braço esquerdo, ensanguentando-lhe a camisa de estopa grossa!

Mas o Relho fugiu mais uma vez ás garras da Justica...

TRANSCRIPÇÕES

E' da praxe no mercado das letras, enquanto não está garantido legalmente o direito de propriedade litteraria, dizer de que jornal ou de que livro se faz uma transcripção.

Ora «A Machina», «orgão dos empregados de caminho de ferro», jornal que se publica no Porto, insere no seu n.º 13, de 10 do corrente, um artigo litterario firmado por um tal J. Nunes, de Barcellos, e offerecido «ao meu amigo e chefe José Maria Alves d'Abreu—Nino», artigo que é copiado, já não digo plagiado, da chronica da «Lagrima de 23 de abril proximo passado.

Eu, como auctor, protesto pelo roubo. Como litterato, agradeço a transcripção porque é a prova mais concludente e mais contundente de que o meu estylo *apada*. E tanto agrada, que até me fazem mão baixa d'elle. O que, porem, peço (e isto pelo amor de Deus) é que para outra vez não estropiem a gramatica dos meus periodos redondos.

A forma como o sr. J. Nunes me roubou alguns faz-me lembrar o assalto de uma matilha de ladrões na encruzilhada d'um caminho feio e negrejante: roubam o viandante, e, por cima, ferem-no, quando não o matam... Ora foi d'esta forma que procedeu o litterato J. Nunes, que não tinha a honra de conhecer como tal, antes de ver «A Machina»...

Que fez o roubo vou demonstral-o.

Eu tinha escriptona «Lagrima» de 23 de abril:

«E n'esta pressão d'espirito, n'esta pronisa d'espirito, n'esta helico estranguladora, n'esta estranguladora herera d'alma, eu sinto a

Q litterato J. Nunes, na «Machina», com data do 6 de maio:

«...n'esta pressão d'espirito, n'esta estranguladora hera d'alma, eu sinto a necessidade

A Lagrima

necessidade de dizer, alta voz, voz alta, firme, decidida, heroica, o que sinto, o que penso e o que observo n' esta Parvonia, entre a ranaria florescente das acacias e das mimosas, e entre os colloquios intimos das papoulas e dos nenuphars.

E' preciso mais chapadinho, mais escarradinho?

E isto é uma amosta. O resto está no *mesmo gosto*, sem tirar nem pôr. Isto é, tem alguns periodos que não são meus; mas tambem não são d'elle. Foi roubo a outrem.

No entanto, repito: muito obrigado. Já vejo que não desgostou do estylo, como os Pintos microscopicos e fallidos, e como os nephelibatas de cuecas e golas sebáceas. Simplesmente lhe peço que, quando copiar, copie melhor. Não estrague, não *mude*. Roube a propriedade, mas não attente contra a vida do roubado...

A serio. Que vomitos eu sinto ao lembrar-me d'estes litteratos de trampa...

Mas estamos em Barcellos; e n' esta Parvonia, os litteratos são como os tortulhos: pôdres, da podridão dos caroços das espigas...

LINHAS DECADISTAS

Mas, no largo passeio, no passeio largo e longo, a dama luarenta, aquella fulgentissima e loira visão das minhas horas tristes, vagueantes e emocionantes, agitava n' um tremulo de compasso alegre o seu leque de madreperola, leque fulgente, leque reluzente.

E eu sentia que na palpação nervosa d'aquellas mãos subtis, mãos de fada, mãos pequeninas pequeninas como o sorriso d'uma creança de dois mezes, mãos brancas, alvas, alvissimas, havia mais do que o systema nervoso dominando toda aquella economia animal e pantheista.

Sentia que aquella visão loira, aquella luarenta visão de sonhos ideaes, aquella refulgencia pallida, d'uma pallida luz luarenta, agitava o leque eburneo, o eburneo leque, nervosamente, não por um capricho de ventarola, que ventarola banhos frios, de temperatura fria, borrifos de frescura, frescura pallidecente; mas... porque o coração amantissimo e loiro, coração urna de perfumes, alcaçar de dôres, coração da S' n' hora das Dores, coração feito da espuma do mar e da rubra magua das soledades d'uma manhã viuva, sem sol, sem luz, lhe arfava pensamentos nebulosos, doentios...

E a virgem castissima e loira, no longo e largo passeio, agitava nervosamente o seu leque eburneo, de madreperola refulgente.

de dizer em voz muito alta e firme, o que penso e o que observo n' esta Parvonia, entre a ranaria florescente das acacias, e entre os colloquios intimos das papoulas e dos nenuphars.

E o pae, sereno, olhos humidos, coração aberto em reticencias de alegria, alegria de quem se revê na sua obra, esthetica na forma, sublime no ideal, primor na educação:

—Filha minha muito amada... E's a minha gloria.

E eu, na plangencia triste dos meus lamentos de subjetivista:

—E o meu Ideal...

Z. Saramago.



Esbocetos...

A familia boa era, mas elle sahio um rebento degenerado. Por mais que o pae lhe desse os bons conselhos e, algumas vezes, as duras palhinatoadas; por mais que a mãe o enevoasse das lagrimas de supplica, lagrimas candentes, escaldantes, e o aconchegasse do seio amantissimo, pedindo-lhe a renuncia dos seus vicios, o Francisco continuava caminhando na estrada do mal.

Como que o perseguia uma mã estrella!

Tinha apenas dezessete annos quando a mãe lhe falleceu; e ainda na vesperado enterro, o caixão mortuario em casa, velas a arder em roda do corpo inanimado, o pae viuvo, elle orphão da melhor das caricias, a caricia d'uma mãe, que é suave e que é serena, como serena e suave é a inspiração divina que livra do abysmo da desgraça a virgem inexperiente, acommettida n' um deserto, ainda n' esse dia, dia de luto e lagrimas, de crepes e de tristeza, o Francisco não deixou de commetter um crime...

Cuspiu nas barbas brancas do seu avô velhinho, munia de carne, mas estrella luminosa de amor e carinho do desnaturado neto. E porque? Porque o intimou a beijar a mão de sua filha morta, a mão da sua mãe

A Lagrima

inanimada, como ultimo adeus e como primeira prece de perdão ás offensas feitas...

E o Francisco riu, e desobedeceu.

*

Quando foi que o dr. Amancio o metteu na cadeia, o pae, ainda vivo, veio prestar fiança; mas, ao lavar o escrivão o auto, corriam-lhe dos olhos inchados grossas lagrimas em fio. O escrivão, que não conhecia o morgado do Outeiro, rindo, n'um riso alvar de escrivão meirinho, disse-lhe, olhando-o de soslaio:

—O sr. chora? Porque não lhe deu a educação precisa em creunça?

O pobre pae, ferido no seu orgulho e na fibra sacratissima da sua dôr alanceante, abriu-se n'um choro de lagrimas salgadas, soluçando, e mal lhe respondeu:

—V. s.^a trata-me mal. Eu dei-lhe a educação precisa. Sofri muito, muitissimo, a ver se o levava ao caninho do Bem; mas não pude. O que lhe juro é que não foram os meus exemplos, nem os de minha familia, que lhe abriram esta vereda infernal. V. s.^a parece que não sabe; mas na nossa familia nunca houve d'estas nódoas. Não sou fidalgo de linhagem, mas sou fidalgo, posso dizel-o bem alto e claro, de boas e honradas acções, de bom e honrado proceder.

O escrivão baixou os olhos para o papel sellado... A lição tinha sido mestra, porque o morgado do Outeiro, defendendo as tradições honradas da sua familia, como que escaldejou em braza as pustulas da familia do escrivão atrevido.

*

Perdeu tambem o pae. Os desgostos, que não a idade, fizeram-no succumbir á primeira febre que lhe escaudou a fronte larga e correcta.

E o Francisco chorou, então, n'esse dia. Quando, sahido da prisão, se

dirigia para casa, encontrou no caminho o acompanhamento fúnebre... Chorou a primeira lagrima quente, a primeira lagrima de dor e arrependimento.

Barcellos, 19—5—93

João do Minho.



PROGREDIOR

Hoje, para apurar a saude, exploraram-se mais de mil remedios, e pode dizer-se abertamente que d'esses mil talvez dez não surtam o effeito que os seus auctores lhes apregoam; a questão é que os seus bolsos fiquem saturados de cobres. Em todo o caso é preciso que, d'esses poucos bons que apparecem, se especifique o nome dos seus inventores conscienciosos, que n'um trabalho constante e humanitario fazem por prolongar a vida á humanidade. D'esses raros vamos citar, como exemplo, o de João Oliveira, que os nossos leitores conhecem como descobridor do *Sabão Amarello*, de que se faz hoje uso em varios hospitaes do velho e novo mundo.

Este sabão, que se emprega na lavagem de casas e contra todas as doencas de pelle, dores rheumaticas, frieiras, queda do cabelo, etc. foi descoberto pelo nosso velho amigo, depois de muitos annos de aturado trabalho e estudo, e atirado ao mercado sem reclamos, travando-se desde logo grande pugna por parte dos invejosos; como sempre succede em casos identicos. Mas Oliveira conhecia bem as boas qualidades do seu producto, porisso ficou indifferente á critica balofa, e esperou pelo resulta-

A Lagrima



do bom,—que obteve. A Jacquard quizeram no matar chegando a leval-o ás margens do rio de Lyon para a afogar, o que era bem peor; mas assim que conheceram os assombrosos resultados do seu tear quizeram leval-o em triumpho ao mesmo sitio.

Na preparação do Sabão, magro hão Amarello do sr. Oliveira, entram varios vegetaes considerados innocivos á saude.

Todas as pessoas o podem adquirir, pois custa apenas 120 rs. o kilo.

Este sabão tem operado curas milagrosas. Alguem, com muita razão, affirma que a força athletica de que dispõe o nosso amigo Oliveira, supplantando a do hercules portuense, é devida ao uso do seu sabão.



Oliveira, gordo com pedirão em altos gritos que as lavem.

Damos em seguida, attestados de alguns nossos amigos que fazem uso do sabão, e que por seu voto proprio se promptificaram a fazel.os.

Francisco Carmona declara que, fazendo uso do Sabão Amarello do sr. J. Oliveira, deixou de ter frieiras.

Antonio Mello faz publico, não como mero reclamo, que o Sabão Amarello do sr. J. Oliveira, é magnifico

para a tiragem de nodoas, ainda que estas sejam de acido.



Mão ulcerada das frieiras

Manoel Loureiro declara, por ser de grande utilidade, que gastava todas as vezes que mandava lavar a casa 1:000 reis em potassa e gasta hoje só 360 reis com o Sabão Amarello de J. Oliveira.

Augusto Mello recommenda uso, no calçado, do Sabão Amarello do sr. Oliveira, porque o faz conservar flexivel e lustroso.



Mão curada com o uso do Sabão

Miguel Braz mandando calafetar o seu barco, e em seguida revestil-o d'uma camada de Sabão Amarello do sr. Oliveira, este ficou vedavel e veloz como nunca tinha ficado com outras materias que empregava.

Zétil



THEATRO DO GYMNASIO

Brevemente se realiza n'este theatro, em beneficio de uma família numerosa, a sympathica festa de caridade já annunciada nos jornaes, promovida pelos amadores dramaticos do mesmo theatro.